



A poesia sociopolítica de Gil Vicente e Patativa do Assaré

Maria Reginalda da Silva^{1*} e Geraldo Augusto Fernandes²

¹Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, Universidade Federal do Ceará, Av. da Universidade, 2853, 60020-181, Fortaleza, Ceará, Brasil.

²Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: profregisilva@gmail.com

RESUMO. O propósito deste artigo é apresentar uma leitura da poesia de Patativa do Assaré e Gil Vicente, partindo de um estudo do caráter sociopolítico, tendo como base a obra de Antonio Candido, intitulada *Literatura e sociedade*. Sendo autores de tempos e locais diferentes, os poetas observaram e vivenciaram dramáticas realidades que os impulsionaram a expor, em forma de poemas ou de texto teatral, suas mais profundas impressões e sentimentos, sempre usando a poesia. Foram porta-vozes das pessoas com as quais conviviam: um, no castigado sertão nordestino brasileiro; outro, na corte portuguesa do século XVI. Ambos apresentam uma poética marcada por eixos antagônicos, com ênfase no olhar para o ser humano. Candido, por sua vez, busca focar seus estudos em vários níveis da interseção entre literatura e sociedade, mostrando de um lado, os aspectos sociais dos textos literários e, de outro, a ocorrência destes aspectos sociais nas obras estudadas. Com base em tal premissa, propõe-se uma análise de alguns textos do cearense e do português, enfatizando o caráter de militância, em suas respectivas escritas, contra sistemas de opressão e silenciamento ou expondo as mazelas da sociedade onde viviam, constituindo a emergência de vozes dissonantes. A presente análise apoia-se em pesquisa bibliográfica, além de referencial teórico sobre as questões sociopolíticas, bem como material que componha a contextualização histórica.

Palavras-chave: poesia sociopolítica; crítica social; literatura comparada; poesia matuta; poesia humanística.

The sociopolitical poetry of Gil Vicente and Patativa do Assaré

ABSTRACT. The purpose of this article is to present a reading of the poetry of Patativa do Assaré and Gil Vicente, starting from a study of the sociopolitical character, based on the work of Antonio Candido, entitled *Literatura e sociedade*. Both poets are from different times and places, and they observed and experienced dramatic realities that impelled them to expose, in the form of poems or theatrical text, their deepest impressions and feelings, always using poetry. They were spokespersons for the people with whom they lived: one, in the punished backlands of northeastern Brazil; another, in the Portuguese court of the 16th century. Both present a poetics marked by antagonistic axes, with an emphasis on looking at the human being. Candido, in turn, seeks to focus his studies on various levels of the intersection between literature and society, showing, on one hand, the social aspects of literary texts and, on the other, the occurrence of these aspects in the works studied. Based on this premise, an analysis of some texts by the cearense and the portuguese is proposed, emphasizing the character of militancy, in their respective writings, against systems of oppression and silencing or exposing the ills of the society where they lived, constituting the emergence of dissonant voices. The present analysis is based on bibliographical research, in addition to theoretical references on sociopolitical issues, as well as material that composes the historical context.

Keywords: sociopolitical poetry; social criticism; Comparative Literature; matuta poetry; humanistic poetry.

Received on October 16, 2023.

Accepted on April 12, 2024.

Introdução

Antonio Candido, professor, sociólogo e crítico literário brasileiro, conceitua a literatura como um modelo de coerência gerado pela força da palavra organizada, tornando-se “[...] um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (Candido, 2004, p. 177). Através dessa concepção, o estudioso apresenta o poder humanizador da obra literária, que liberta do caos e humaniza as pessoas. Para o autor, a literatura ajuda o ser humano a organizar suas ideias e, quando isto acontece, melhora também o modo como ver o mundo.

Dessa forma, buscamos identificar o papel da literatura sociopolítica, partindo de uma análise do universo social e político, na busca de corrigir ou amenizar suas iniquidades. Sobre essa reflexão, fica o questionamento:

de onde vem essa literatura engajada com o papel sociopolítico? O próprio Candido (2006, p. 28) indaga: “[...] qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio”? Podemos compreender como uma possível resposta às indagações acima que a obra de arte tem potencialmente um papel engajado com o meio social quando apresenta posições éticas, religiosas, políticas ou mesmo dos aspectos humanísticos diante dos problemas enfrentados pela sociedade. Para que se considere um poeta socialmente engajado, é preciso que, em suas poesias, apresentem convicções e pontos de vista acerca da realidade, produzindo textos literários que exponham problemas da sociedade na qual estão inseridos, sejam individuais ou coletivos.

Candido (2006, p. 29) afirma que “[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”. Dessa forma, a obra poética, além de ser vista como uma manifestação real do que acontece na sociedade na qual o autor está inserido, deve trazer a expressão de fatos, em que elementos específicos sejam realçados mediante o uso adequado das palavras na formação das ideias, constituindo um ato comunicativo entre escritor e leitor, sincronicamente emergindo da cultura e nela intervindo. É preciso provocar no leitor o desejo de também fazer parte do que está sendo questionado ou exposto na obra.

No Brasil e no mundo, a literatura sempre foi um instrumento profundamente dedicado a formar e construir uma consciência social na população, indispensavelmente, inserindo o ponto de vista histórico-sociológico de quem a produz. Ou seja, para refletir sobre temas diversos que permeiam a vida na sociedade, sempre esteve presente a literatura abordando as lutas políticas e ideológicas.

Para corroborar com as afirmações dos pesquisadores, trazemos neste artigo, dois autores que muito evidenciaram em suas obras o modo de vida e as preocupações de populações mais simples e, até carentes: Gil Vicente e Patativa do Assaré, conhecidos mundialmente por disseminarem a poesia popular através de suas artes. O primeiro, português, teatrólogo, que viveu na corte entre os séculos XV e XVI. O segundo, cearense, cantador, agricultor, que viveu no Brasil no século XX. O objetivo é mostrar os pontos congruentes entre as obras dos dois no que se refere à temática estudada.

Gil Vicente e Patativa do Assaré: poetas engajados com as questões sociopolíticas

Quando estudamos um autor, é natural que se faça a partir do seu contexto histórico e das influências que determinam a caracterização da sua obra. Conforme Candido (2006, p. 142), “[...] é preciso colocá-los no contexto daquele momento para compreender o sentido da sua ação”. Em relação a essas características, a vida e a obra de Gil Vicente, teatrólogo português, e Patativa do Assaré, cantador cearense, já foram estudadas nos seus aspectos mais variados. No entanto, a produção literária dos poetas é de tal modo rica e universal que é possível encontrar novos ângulos através dos tempos, do aprofundamento e da percepção do pesquisador, deixando possibilidades de diversas análises. Não há pretensão de originalidade nesse artigo, porém, almejamos apresentar o engajamento sociopolítico da escrita dos poetas, presente nas obras teatrais e nos poemas, em que há jogo de palavras que ultrapassou os tempos e espaços, ganhando a imortalidade.

Gil Vicente apresenta, em suas obras, aflições pessoais de uma sociedade, algumas em decadência e mostra, através de suas personagens, costumes e aspectos diversos, o que seria o movimento de submersão dos que, mesmo sendo nobres ou ricos, viviam sem muitos escrúpulos e se entregavam a tentações diversas, mesmo os que faziam parte da igreja. Para Candido (2006)

Aí, o trabalho artístico sobre a palavra — isto é, a composição — adquire tal requinte, que mesmo quando a obra é escrita para ser executada (é o caso das peças de teatro), ela adquire a singularidade e a aparência de coisa incondicionada, peculiar aos textos literários propriamente ditos (Candido, 2006, p. 60).

O sociólogo exalta a criatividade do autor para o uso artístico da palavra, levando em consideração a composição dos personagens e encenações, que dão toda a significância para o texto, pois, mesmo que este seja escrito para compor outra obra, como o teatro, tem tal autenticidade que não muda de configuração, não se transforma, permanecendo como fora idealizada. Também mostra que a composição do texto literário tem tamanha riqueza que não se condiciona em sua própria singularidade. É o que podemos encontrar na fala do Velho da Horta, peça de Gil Vicente, datada de 1512.

Velho
Quero-m’ir buscar a morte,
Pois que tanto mal busquei.

Quatro filhas que criei,
 Eu as pus em pobre sorte.
 Vou morrer,
 Elas hão de padecer,
 Porque não lhes deixo nada
 De quanta riqueza e haver
 Fui sem razão despender
 Mas gastada (Vicente, 2017, p. 60).

Esta é a fala final da peça, uma farsa contando a história de um senhor de idade mais avançada que se apaixona por uma jovem que vem à sua horta comprar verduras. Com um tom de comicidade, apresenta rimas nas falas dos personagens e um texto coerente com começo, meio e fim, captando a crueza de uma situação que oscila entre o ridículo e o ilusório. Mesmo pagando pela colaboração de uma alcoviteira, que leva tudo o que o velho tem, não consegue conquistar a jovem, que responde de forma irônica e sarcástica aos seus apelos amorosos. Aqui encontramos um Gil Vicente que retrata as angústias pessoais e uma situação que acontecia bastante na sociedade portuguesa e em outras, em que há a exposição de um casal de idades bem diferentes, o que não é bem aceito pelo público em geral.

Outro aspecto que nos chama a atenção é que essas peças estavam impressas, o que significa dizer que fica impossível determinar o alcance de sua escrita, que após ser disposta no papel, torna-se muito mais ampla a divulgação, tanto em aspectos geográficos como temporais. Além disso, suas obras podem ter sido representadas fora do palácio, ou seja, é possível que tenham sido exibidas nas comunidades por onde sua trupe teatral passava, até por questão de sobrevivência, é provável que arrecadavam fundos para se manterem, sendo assistidas e valorizadas pela população geral tanto quanto pela nobreza.

Também em textos de Patativa do Assaré, cuja poesia perpassa pela simplicidade do sertanejo e ganha tamanha nobreza em virtude de suas temáticas, que engrandece, mas também revela as dificuldades enfrentadas pelo pobre roceiro, que muitas vezes sofria nas mãos de grandes donos de terra. Um exemplo está no poema *Brosogó, Militão e o Diabo*, em que Brosogó compra uns ovos de Militão, porém quando este vai cobrar a dívida, o faz de tal forma que o pobre não consegue pagar, mas com a ajuda do Diabo fica livre da enrascada.

O pobre voltou bem triste
 pensando, a dizer consigo:
 eu durante a minha vida
 sempre fui um grande amigo,
 qual será o meu pecado
 para tão grande castigo? (Assaré, 2006, p. 364).

No trecho, Brosogó lamenta sem entender por que está sofrendo tanto, visto que é um ser humano que sempre procurou fazer o bem. O autor Antônio Gonçalves da Silva, ou Patativa do Assaré, é referência, considerado um ícone da poesia popular brasileira, reconhecido como um dos principais representantes da cultura nordestina, foi repentista, cantador, sem deixar de ser camponês. O poeta, assim como outros muitos, sobrevivia do que conseguia colher da roça que plantava na Serra de Santana, um povoado pequeno, a 18 km do centro de Assaré, no interior do Ceará, região em que predominava a agricultura de subsistência. Assim, Patativa dividiu sua vida entre o trabalho no campo e a composição dos versos que transpuseram as fronteiras do sertão. O cantador, poeta e agricultor teve grande difusão da sua obra na poesia matuta, como ele mesmo gostava de dizer, em que usa a linguagem do povo para tratar de diversos temas, principalmente relacionados à natureza, ao sagrado, aos direitos humanos, às belezas do sertão, aos ensinamentos cristãos. Ele articulava muito bem as palavras sobre quaisquer assuntos, mostrando uma imensa capacidade para dar voz ao grupo da sua vivência social, os mais necessitados e oprimidos pelo poder, dos quais os maiores vilões eram os poderosos. Discutia em seus poemas não somente o que acontecia em sua região, mas também o que estava afligindo as pessoas no mundo todo, apesar de se definir como um 'matuto sertanejo'.

O contexto social dos poetas

O teatrólogo Gil Vicente, que vivia próximo à corte portuguesa, mostrou em suas peças uma classe média que emerge e ocupa lugares especiais na estrutura social por obra e graça do capital adquirido com trabalho. Viver de rendas começava a ser privilégio de poucos e a própria nobreza encontrava uma saída nas ocupações administrativas. O nobre decadente, sendo o representante de uma classe em via de desaparecimento, desajustava-se e buscava no sonho uma reconciliação, é o caso de Brás da Mata, da *Farsa de Inês Pereira*

(2017a), que sonha com glórias guerreiras que lhe deem a almejada elevação social. Enquanto isto, decepciona a sonhadora Inês a quem fizera a corte com tanta fineza e de quem, após o casamento, arranca a queixa:

Cuidei que fossem cavaleiros
Fidalgos e escudeiros,
Não cheios de desvarios,
E em suas casas macios,
E na guerra lastimeiros (Vicente, 2017a, p. 12).

Esse trecho mostra Inês desiludida, cantando sozinha em sua lavoura, por desejar se casar com um cavaleiro nobre, educado e rico, mas acaba se casando com um escudeiro pobre, que a maltrata em todos os sentidos. Esse lamento não é tão somente por causa do esposo que escolhera mal, mas também porque deixara de se casar com um homem rico, que a tratava muito bem, mas que tinha modos grosseiros, rudes e simples. Outro exemplo de escudeiro decadente na obra de Gil Vicente, encontra-se em *O Juiz da Beira*, cuja pobreza é tão evidente que para pagar a uma alcoviteira, foi obrigado a vender uma viola, um gibão e um par de botas.

O teatro de Gil Vicente surgiu e se expandiu historicamente em um período de transição, quando as estruturas da Época Medieval estavam definindo e iniciava o fortalecimento das transformações que viriam a constituir o Renascimento. Um texto que representa bem essa parte da História é o *Auto da barca do inferno* (Vicente, 2017b), em que as personagens são representações de determinadas classes, carregadas de significados, que vão além de meros dramas. Essa significação ultrapassa o considerado usual e objetiva convencer e alertar, com seu tom moralizante, o leitor/expectador, o que era comum na Idade Média pela literatura sacra ou litúrgica. Conheçamos um trecho que foi encenado, o diálogo entre o Anjo e o Fidalgo:

FIDALGO Que me leixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
é bem que me recolhais.
ANJO Não se embarca tirania
neste batel divinal.
FIDALGO Não sei porque haveis por mal
que entre a minha senhoria...
ANJO Pera vossa fantasia
mui estreita é esta barca.
FIDALGO Pera senhor de tal marca
nom há aqui mais cortesia? (Vicente, 2017b, p. 3).

Aqui vemos um rico, da corte, que, por sua posição e soberba pensa que seja obrigação do Anjo deixá-lo embarcar, chegando a questioná-lo firmemente sobre a justificativa da recusa. Esta cena representa fielmente o que acontecia na sociedade na qual vivia Gil Vicente, em que os ricos e nobres tinham prioridade sobre tudo e todos. Precisamos observar também porque o Anjo embarceira a entrada do Fidalgo, dizendo-lhe que tirania não entra ali, chegando a ironizar, inclusive, suas vestimentas.

Antônio José Saraiva e Óscar Lopes (1955) constatam na obra *História da literatura portuguesa*, que Gil Vicente era um autor palaciano, mas também popular e sua obra fora bastante divulgada para além da Corte:

Ainda que representado nos salões do Paço, Gil Vicente fez sentir a sua influência num círculo muito mais amplo que o da Corte. As suas peças, como vimos, corriam impressas pelo autor, em folhetos de cordel, e a sua Compilação de 1562 contava sem dúvida com um grande apreço público. É certo, portanto, que se popularizaram; não se deve excluir a hipótese de terem sido representadas também fora do Paço (hipótese perfeitamente viável, visto que o texto impresso estava ao alcance de muitos) (Saraiva & Lopes, 1955, p. 223).

Para Candido (2006, p. 70) “[...] o poeta (isto é, o personagem que fala na primeira pessoa) narra uma experiência pessoal, que adquire sentido genérico à medida que ele passa da emoção a uma concepção da vida”. Desta forma, entende-se que o escritor transmite em suas escritas, aquilo que vivencia e, ao transformar essa experiência em texto, a mensagem passa a fazer parte do senso comum, representando desde um grupo específico até uma geração inteira de pessoas, com características próprias, assim passa a ser uma voz representando várias outras.

Antonio Candido (2006, p. 14) afirma que “[...] sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. Para o crítico literário, o meio onde o autor está inserido o

influência de tal forma que sua escrita naturalmente representa a sociedade em que vive. E isso é natural, pois é parte de quem ele é e sua visão de mundo se reflete no que escreve. Assim, para o sociólogo, é impossível dissociar os textos literários do contexto em que é produzido e por onde circulam, assim como não se pode desligar das pessoas que os leem, pois ao fazerem suas interpretações e agirem a partir da reflexão das suas mensagens, dão a sentença se estão de acordo com o meio social e se os representam. Sem todo esse trâmite, acabam ficando sem sentido, sem significância, pois o texto é escrito para um público ler, não somente para quem escreve.

É quase impossível ler a poesia patativana sem se fazer referência ao contexto social em que fora construída, visto que essa é marcada pela representação das agruras do Nordeste. Ao afirmar “[...] eu sou um caboclo roceiro que, como poeta, canto sempre a vida do povo. O meu problema é cantar a vida do povo, o sofrimento do meu Nordeste, principalmente daqueles que não têm terra [...]” (Assaré, 2005, p. 17), o poeta sertanejo da cultura popular se posiciona com simplicidade, apresentando uma afeição por sua terra, que chamou de ‘torrão natal e amado’, sem jamais mascarar as problemáticas da região nordestina. Em sua apresentação, se mostra como realmente é, um homem do povo e, como tal, expõe como este vive, principalmente aqueles cidadãos que não têm ao certo onde morar, por não serem donos de um pedaço de chão, sofrendo as consequências disto.

Para compreender a mensagem contida na obra do poeta, é importante conhecer o contexto histórico em que viveu. Vejamos o que diz Carvalho (2002b):

Sua poesia é visceralmente ligada ao que vivenciou. Está impregnada de natureza, com o compromisso de quem sempre esteve em profunda comunhão com a terra. O paraíso da serra de Santana, a visão que poderia ser idílica é contaminada pela questão da terra, pelas inclemências das secas, em suma, por tinturas realistas que evitam qualquer pieguice e dão a grandeza do que ele canta (Carvalho, 2002b, p. 20).

A partir da leitura do fragmento entende-se que a referência sociocultural é gigantesca para o cantor e que este se sente comprometido a compartilhar com as pessoas, através de sua poesia, o que acontece naquele lugar longínquo, esquecido pelos detentores do poder. O poeta não pode cantar senão aquilo que viveu, apresentando-nos uma poesia cheia de marcas sertanejas, de íntima ligação com a natureza e com a terra. Seu lugar, a Serra de Santana, é uma comunidade localizada no município de Assaré-Ceará, cidade pequena, que hoje é conhecida por causa de seu filho mais ilustre, mas que, naquele tempo, não era essa a realidade, o que pode ser conferido no trecho abaixo.

Sertão, argúem te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá (Assaré, 2002, p. 25).

Na estrofe fica evidente o fascínio que o sertão exercia sobre o homem-pássaro, a ponto de declarar que jamais conseguiria dizer tudo o que sentia sobre ele. Desta forma, Patativa se apresenta como um elemento de coesão, uma voz representativa da comunidade, mostrando sua linguagem sertaneja, regionalista, com a qual compartilha sentimentos, emoções e suas vivências. Ao empregar a linguagem cabocla, não o faz com deboche, ao contrário, mostra-a como ferramenta para problematizar as questões sociais, diferentemente da tradição literária que, por muito tempo, valeu-se da forma popular para satirizar o homem pouco instruído. O autor demonstra que a enunciação da verdade sobre as coisas do mundo não deve ser monopolizada pelos letrados ou pessoas das classes dominantes, mas mostra que o sertanejo também é capaz de apontar as injustiças sofridas e reivindicar a igualdade social em qualquer linguagem.

Personagens retratados nos poemas

Um personagem marcante no teatro vicentino encontrado nas farsas e autos de Gil Vicente é o camponês. Com excepcional clarividência, o grande dramaturgo português analisa o problema campesino no Portugal em que viveu quando, voltada para as empresas marítimas, a corte empenha nestas todos os seus recursos,

deixando o campo sem qualquer assistência. Essa atitude indica que os olhos do poder estão voltados para os centros urbanos que começam a se desenvolver e onde inicia o mandato de novo soberano: o capital. A consequência é o aumento do desnível entre a cidade e as áreas não urbanizadas. Obviamente, o camponês acaba sendo a principal vítima desses novos investimentos. Muitos emigram, buscando no paço imperial melhores condições de vida, como não estão habilitados para exercer novas funções, marginalizam-se. Aparição e Ordonho, da farsa *Quem tem farelos*, são bons exemplos. Frustrados em suas pretensões em obter uma vida melhor, criticam seus amos, falam da vida miserável que levam e tornam-se desleais para com os patrões, mostrando nenhuma firmeza de princípios, sem hesitarem em ser serviçais e bajuladores quando isto seja necessário para alcançar alguma vantagem.

Os personagens são sujeitos ativos, que se apresentam diante da corte, da verdade ou da justiça, sem se curvar. Apesar da sua decadência financeira não se envergonha, não se vende nem se humilha, pois é ciente que a culpa do seu atraso não lhe cabe. João Murtinheira, lavrador que aparece em *Romagem de Agravados* trabalha até a exaustão, sem ter tempo para limpar as gotas do seu suor. Como o produto do seu trabalho é arrancado pelos cobradores de rendas ou pelos frades, o camponês sente-se perseguido até por Deus, quando envia o sol e a chuva fora do tempo. Ainda há exemplos como o do lavrador do *Auto da Barca do Purgatório*, que se mostra uma personagem patética em cuja voz acusadora há acentos comoventes.

Fazendo um paralelo entre as obras vicentinas com a época atual, podemos estabelecer a relação, sem deixar de lembrar as devidas proporções, de que os homens do século XV, assim como nós, vivenciaram transformações inusitadas e muito rápidas, sendo difícil adaptar-se a elas no mesmo ritmo dos acontecimentos. As obras literárias para Candido (2006)

Não podem ser desligadas do contexto, — isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas. Feitas para serem incorporadas imediatamente à experiência do grupo, à sua visão do mundo e da sociedade, pouco significam separadas da circunstância, pois, sendo palavra atuante, são menos e mais do que um registro a ser animado pelo deciframento de um leitor solitário (Candido, 2006, p. 58).

Através dos textos vicentinos chega até nós, na atualidade, o panorama da sociedade portuguesa, que tinha ansiedade de se integrar ao progresso da humanidade e, ao mesmo tempo, temia o que lhe era desconhecido. Se compararmos aos dias contemporâneos, o contraste de formas de vida gerava um sentimento de insegurança e angústia, uma ânsia de viver intensamente, uma supervalorização dos bens materiais, um relaxamento dos costumes. Um exemplo é pensarmos sobre as inquietações que causam para a humanidade atual, as armas nucleares e as viagens espaciais, comparando ao que representaram para os homens dos séculos XIV e XV, o uso da pólvora e as descobertas marítimas.

Em suma, os personagens que Gil Vicente mostra através de suas peças teatrais em forma de poemas, com linguagem popular, revelam características conflituosas, consideradas até negativas, que buscam se dar bem na vida, mesmo que precisem causar danos a outros. Com isso, o autor traz contribuições que fazem o público refletir sobre a sociedade na qual está inserido, muitas vezes, abandonado pelo poder público, sem nenhuma ajuda das classes privilegiadas, precisando fazer de tudo para sobreviver às injustiças sociais que sofre. É o que Antonio Candido chama de “[...] função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade” (Candido, 2006, p. 19).

Ainda sobre a figura do ‘escudeiro’, um personagem dentre os tipos sociais que melhor representa a mudança de valores na obra vicentina, pois são homens do povo, que através de feitos, de serem guerreiros e da sua ligação com a nobreza, viviam da dignidade de um passado recente, representados como classe decadente. O personagem Ayres Rosado, da farsa *Quem tem farelos*, imita o comportamento padrão da nobreza, mantendo funcionários, tocando a viola e criando versos palacianos às suas amadas. Como julga indigno trabalhar, não tem rendas para manter a aparência de cavaleiro que se imagina ser, sem adquirir roupas novas, não pagando os criados, tornando-se uma pessoa deslocada da realidade, na tentativa de afirmação de sua nobreza, valentia e imponência. Tentando viver artificialmente situações para as quais a tradição havia estabelecido um comportamento e que precisava ser revisto imediatamente para que houvesse uma subsistência da classe, como não encontra correspondência na realidade, desespera-se e faz concessões de ordem moral, ou seja, enquanto se apresenta como bravo e cavaleiro, é covarde e sem dignidade, distanciando-se do tipo que encarna.

A poesia de Patativa é apresentada muitas vezes através de personagens tipicamente sertanejos: agricultor, vaqueiro, roceiro, caçador, caboclo, as diversas facetas femininas. E, a exemplo de outros autores, não deixou

de dar vez e voz a animais que com ele conviviam, como o cachorro, o boi, o gato, o cavalo, criando verdadeiras fábulas poéticas sertanejas. Todos esses elementos convivem em harmonia, dividindo o mesmo espaço, padecendo das mesmas mazelas, em um diálogo amigável, entrelaçando suas histórias, que chegam a se confundir com a própria vivência do poeta. Seus personagens são criados a partir de suas experiências, mas ganham força, desenvolvem-se e ultrapassam a imaginação do criador, ganham vitalidade através do convívio com a natureza, não são estáticos, passivos. Vejamos um exemplo:

Conheço um pé de aruêra
 Bem perto do meu roçado,
 Que nesta mesma madêra
 Tem um gaio seco e ocado.
 Um pica-pau todo dia
 Naquele gaio batia...
 Batia... sem isbarrá.
 Enquanto ele ia batendo
 Ia, sem querê, fazendo
 Todas nota musicá (Assaré, 2006, p. 275).

Na estrofe lida do poema *O pica-pau*, encontramos o pica-pau, ave de tamanho pequeno a médio, com penas coloridas e, na maioria dos machos, com uma crista vermelha, executando as notas musicais através das batidas que dava em um galho de aroeira, árvore brasileira que tem em abundância no Nordeste. É a prova de que o poeta observava muito a natureza e com bastante sensibilidade e criatividade, porque é uma cena bem comum para quem vive no sertão ver um pássaro bicando uma árvore.

Podemos ver a natureza representada a todo momento na poesia patativana, há diversos seres como os pássaros, as árvores, os animais ganhando vida e sendo protagonistas de suas histórias, como em *O boi zebu e as formigas* (Assaré, 2005), *O sabiá e o gavião* (Assaré, 2014), *o sabiá vaidoso* (Assaré, 1994), *O galo egoísta e o frango infeliz* (Assaré, 2005), *O castigo do mucuim* (Assaré, 2005), *Eu e meu campina* (Assaré, 2005), *Eu e pitombeira* (Assaré, 2005), *Minha castanhola* (Assaré, 1991), *A voz do milho abandonado*, que apresentamos uma estrofe:

Ai di di
 Patativa e sua gente
 Pensam que manga é pequi
 Me enterraram neste chão,
 Não voltaram mais aqui,
 O mato era tão fechado
 Que não sei como nasci (Assaré, 2006, p. 215).

Entendemos que Patativa não podia fazer muito pelos semelhantes como agricultor, mas pode fazer como poeta. E o fez tão bem que jamais usou uma palavra de sua poesia que não fosse para denunciar, motivar, exaltar. Sempre teve um olhar para seu povo e sua gente. Não se tem ideia de quantos estudiosos estudam a concepção de Patativa do Assaré acerca da missão poética e da poesia do autor. Ele próprio se reconhece como testemunha e porta-voz da vida e história do seu povo: “Minha missão de poeta, de simples poeta do povo, cantando a nossa terra, a nossa vida, a nossa gente, viu?” (Assaré apud Carvalho, 2002a, p. 18). Um exemplo é quanto ao sujeito lírico, em ‘Cante lá que eu canto cá’ (Assaré, 2002), que distingue, assim, o poeta da cidade do poeta do sertão, pois somente o segundo provou da vida penosa e, portanto, pode cantar o sertão que é seu. Ele afirma que só se tem propriedade para falar sobre o sertão quem nele vive e sente na própria pele o que é ser sertanejo:

Só canta o sertão dereito,
 Com tudo quanto ele tem,
 Quem sempre correu estreito,
 Sem proteção de ninguém,
 Coberto de precisão
 Suportando a privação
 Com paciência de Jó,
 Puxando o cabo da inxada,
 Na quebrada e na chapada,
 Moiadinho de suó (Assaré, 2002, p. 28).

Enfim, a temática central da poesia patativana é o manifesto da luta da vivência sertaneja em contraste com as belezas do sertão, onde há sofrimentos, mas também muito amor pelo que fazem e por onde se vive, acrescentando ainda um protesto contra as injustiças. O discurso do autor apresenta características sociopolíticas, tendo em vista que o poeta apresenta a dor, a labuta dos que sofrem e pelem pela sobrevivência e não têm reconhecimento, não tendo, muitas vezes, nem de que viver e ainda são explorados pelos donos de terra e pelos maus políticos, que administram os governos. Para ele, o Deus que permeia toda sua poesia está do lado dos pobres, dos humildes, incentivando o homem à luta e à resistência. Dessa forma, não há apenas a observação da seca, mas também a manifestação contra a falta de assistência educacional do homem sertanejo pelo poder público, o que segrega seu povo a um estado de miséria e analfabetismo.

Considerações finais

Buscamos encontrar um paralelo entre as escritas dos renomados e internacionalmente conhecidos poetas Patativa do Assaré e Gil Vicente, procuramos evidenciar neste artigo, através das concepções de Antonio Candido, crítico literário brasileiro e contemporâneo, que ambos apresentam em seus textos, a representação da sociedade na qual estavam inseridos. Mais ainda, que trouxeram questões sociopolíticas que denunciavam as angústias e mazelas do povo com o qual conviviam, mostrando uma atitude de engajamento com as causas sociais de caráter popular. Considerando tais pressupostos, o presente artigo discutiu sobre o papel da poesia sociopolítica, produzida sob a égide da cultura popular, que se configura como uma potente chave interpretativa da organização estrutural e das relações de poder que ocorreram e ainda ocorrem em diferentes etapas da vida.

Os autores selecionados, ainda que apresentando diferenças pessoais e poéticas, alinham-se em uma voz engajada que resiste às injustiças, denunciando-as de diversas formas, seja a miséria e o abandono, no lado brasileiro ou a decadência financeira e humana além-mar, que igualam oprimidos em versos de luta e resistência. Ambos falam do seu lugar e do seu tempo, como testemunhas que são, deixando de ser meros espectadores, passando a serem ativas vozes dissonantes, que buscaram dar visibilidade aos excluídos das narrativas oficiais.

Os dois são, de certo, os maiores representantes, cada um a seu tempo e em seu lugar, das condições sociais impostas às classes menos favorecidas. Patativa, com seu canto de resistência, de persistência, denuncia os maus-tratos sofridos pelos pobres. E Gil Vicente, que traz em seus textos teatrais, uma poesia de forma satírica e reflexiva, os grandes problemas relacionados às fraquezas humanas, apresentando uma sociedade, que inclui os nobres de hábitos, pensamentos e sentimentos cheios de falsidade, de rancor, de inveja e muitos outros problemas, mostrando pessoas com características humanas negativas, influenciando a sociedade e seus sujeitos.

Referências

- Assaré, P. (2002). *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes.
- Assaré, P. (2005). *Ispinho e Fulô*. São Paulo, SP: Hedra, 2005.
- Assaré, P. (2006). *Melhores poemas: Patativa do Assaré* (Seleção de Cláudio Portella). São Paulo, AP: Global.
- Candido, A. (2004). O direito à literatura. In A. Candido, *Vários escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre azul.
- Candido, A. (2006). *Literatura e Sociedade*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Carvalho, G. (2002a). *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza, CE: Omni,.
- Carvalho, G. (2002b). *Patativa do Assaré: Pássaro liberto*. Fortaleza, CE: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará,.
- Saraiva, A. J., & Lopes, Ó. (1995). *História da literatura portuguesa*. Porto, PT: Porto Editora.
- Vicente, G. (2017a). *Farsa de Inês Pereira*. Belém, PA: Universidade da Amazônia. Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000111.pdf>
- Vicente, G. (2017b). *Auto da barca do inferno*. Belém, PA: Universidade da Amazônia. Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00111a.pdf>